

ENSINO, SAÚDE E AMBIENTE

Percursos do *corpo-chão*: práticas e teorizações feministas comunitárias no cotidiano*Body-ground routes: community feminist practices and theorizations in everyday life***Elis Teles Caetano Silva**  *

Faculdade Maria Thereza, Niterói, RJ, Brasil

Palavras-chave: feminismos; comunidades; cotidiano; cuidado**Resumo:** Neste artigo, procuro contar algumas histórias de como a interseccionalidade opera no cotidiano com comunidades diferentes entre si em termos de poder e produção de subjetividade, criando práticas de cuidado e produzindo problemas de pesquisa. Desde dentro da concepção de campo-tema de pesquisa, criamos territórios feministas comunitários que passo a nomear como corpo-chão, onde campo é corpo e tema é chão. É desde o corpo (com suas marcas de exploração, gênero, classe, raça, deficiência e sexualidade) que muitas de nós, mulheres que interferem na cultura também a partir da produção acadêmica do conhecimento, enunciemos problemas de pesquisa, narramos relações situadas entre o *pessoal e o político*, fazemos proposições, construímos conhecimentos e intervimos.**Keywords:** feminism, communities, everyday life, care**Abstract:** In this article, I seek to tell some stories of how intersectionality operates in everyday life with communities that are different from each other in terms of power and production of subjectivity, creating care practices and producing research problems. From within the conception of field-theme of research, we create feminist community territories that I now call body-ground, where field is body and theme is ground. It is from the body (with its marks of exploitation, gender, class, race, disability and sexuality) that many of us, women who interfere in culture also through the academic production of knowledge, enunciate research problems, narrate relationships situated between the personal and political, we make propositions, build knowledge and intervene.**Campo é corpo e tema é chão: nomeando o chão pelo qual se movimenta a pesquisa**

Campo, entendido como campo-tema, não é um universo “distante”, “separado”, “não relacionado”, “um universo empírico” ou um “lugar para fazer observações”. Todas estas expressões não somente naturalizam mas também escondem o campo; [...] O campo-tema, como complexo de redes de sentidos que se interconectam, é um espaço criado (Spink, 2003, p. 28).

O corpo como corpo-chão se conforma na perspectiva feminista da noção de campo-tema. Enfatiza a dimensão corporificada do conhecimento, além de evidenciar que estou acompanhada de histórias de muitas mulheres que fizeram ciência e que não abriram mão de

* Endereço para correspondência: Faculdade Maria Thereza. Av. Visconde do Rio Branco, 869. São Domingos - Niterói - RJ, Brasil. CEP: 24020-006. E-mail: eliss.telles@gmail.com.



seus corpos marcados para construir conhecimento. Manter o corpo como categoria é mostrar que pertencemos a linhagens feministas dentro da ciência, pois o corpo é uma dimensão importante para nós e trazê-lo para o pensamento é sempre uma tarefa repleta de negociações com as epistemologias dominantes que sustentam as colonialidades do saber (Lander, 2005). E, conforme Sandra Benites (2018) anuncia no título de sua dissertação, aqui é mulher falando.

Emprestando as palavras de Grada Kilomba (2019) ao referir-se sobre seu trabalho, o meu campo de pesquisa é “transdisciplinar, híbrido e se assenta em diferentes espaços”, Colcha de retalhos, tecendo existências. Experiências que vou aprendendo a reconhecer, a tecer e a narrar. A aposta em um posicionamento que procura ser móvel, é a aposta no deslocar-se com as experiências e com isso tocar as fronteiras e criar passagens para as formas diversificadas de experiência no mundo, “com paixão e sangue, assim como assumimos todas as coisas fundamentais nas quais acreditamos” (Castro-Gómez, 2003, p. 343, tradução própria). Essa aposta procura se aliar aos conhecimentos feministas e descoloniais que vem sendo produzidos na América Latina, África e outros “sul’s”. Registros de corpo-chão (Silva, 2021), corpo-tema (Spink, 2003), território existencial de pesquisa, entremeiam-se ao texto, “encruzilhando” os “sentipensamentos” desse artigo e textualizando conhecimentos das andanças por entre diferentes coletividades compostas majoritariamente por mulheres. Afetando e sendo afetada pelos fios dos encontros comunitários que se teceram no percurso formativo dos anos de doutorado e dos que se antecederam a ele, borramos as fronteiras das temporalidades, dos inícios, meios e fins. Por entre esses tempos, aprendo a reconhecer os modos pelos quais minha contínua formação de psicóloga e de vida é afetada majoritariamente por práticas psicossociais de mulheres, me fazendo olhar para elas ao mesmo tempo em que aprendo a me olhar de volta, constituindo um corpo-chão de pesquisa, experiências, marcas e práticas psis que se reúnem para “sentipensar” o cuidado de modo encruzilhado, interseccional, interdependente e comunitário. No caminho, me pergunto sobre como falar em “mulheres”, no sentido generalista do termo, sabendo que sob o guarda-chuva desta marca somos diversas entre nós em termos de poder e produção de subjetividade. Diversas na forma como marcadores sociais - raça, classe, gênero, deficiência e sexualidade - nos insere e nos posiciona nas relações. O que essas marcas nos informam e nos fazem fazer quando se encontram ou colidem?

Em consonância com o argumento de Cho, Crenshaw e McCall, segundo o qual “o que faz com que uma análise seja interseccional não é o uso que ela dá ao termo ‘interseccionalidade’ nem o fato de estar situada numa genealogia familiar, nem de se valer de citações padrão”, nosso foco deve ser “o que a interseccionalidade faz e não o que a interseccionalidade é (Collins; Bilge, 2021, p. 20).

Recordo, assim, a escritora Glória Anzaldúa (2005), em sua inquietude *mestiza*, seu trânsito por entre mundos e suas confusões frutíferas (não sem dor) nas fronteiras territoriais da

produção de seu corpo, sua raça e sexualidade, traçando nesta “confusão” o que ela nomeou como o “caminho da mestiza”,

Pega no meio de uma contração repentina, a respiração cortada e o espaço vazio, a mulher marrom pára, olha para o céu. Decide descer, escavando seu caminho ao longo das raízes das árvores. Peneirando os ossos, sacode-os para ver se tem algum tutano neles. Então, leva a terra à sua frente, à sua língua, pega alguns ossos, deixa o resto nos seus túmulos. Examina sua mochila, fica com seu diário e agenda, joga fora os mapas do metrô. As moedas são pesadas, e são as próximas a serem descartadas, em seguida as notas de um dólar flutuam no ar. Mantém sua faca, abridor de latas e lápis de sobancelha. Coloca ossos, pedaços de casca de árvore, hierbas, penas de águia, couro de cobra, gravador, a matraca e o tambor na sua mochila e parte para se tornar a completa tolteca (Valdés, 1982, p. 2 *apud* Anzaldúa, 2005, p. 709).

O primeiro passo deste caminho, diz Glória, é fazer o “inventário das marcas”, se perguntando sobre o quê, exatamente, a *mestiza* herda de seus ancestrais. No entanto, diz Glória, é difícil fazer a diferenciação entre o herdado, o adquirido e o imposto. No exercício da objetividade localizada, a qual Donna Haraway (1995) nomeou como sendo uma “objetividade feminista”, ou seja, com fronteiras, com limites, corporificada na ação localizada, se abstendo de tornar-se uma objetividade totalizante, no sentindo colonial e cientificamente dominante, pouso minha questão sobre - “como falar de mulheres” - no próprio chão de minhas andanças como mulher, no caminho de uma racialização consciente, localizada e corporificada nas complexas questões sociais políticas brasileiras, Caminho da parda para a “indígena em retomada”, dançarina, feminista comunitária, em constante formação de psicóloga, pesquisadora e vivente.

Dessa forma, lanço mão da pergunta de Glória, inventario as marcas e pesquisoCOM (Moraes, 2010) elas.

reconhecemos aqui um intervir que se configura no pesquisoCOM (Moraes, 2010), que afirma a pesquisa como prática performativa e nos convida a "acompanhar este processo em ação, se fazendo na prática cotidiana daquelas pessoas que o vivenciam" (Moraes, p.42, 2010). Dessa forma, a ênfase em acompanhar as práticas nos possibilita reconhecer realidade e interferir, mas também sofrer interferências, afetando e sendo afetados pelo que experienciamos (Quadros; Moraes, 2016, p. 5)

Faço desta escrita também a documentação do caminho dessa *mestiza* que, desde dentro dos movimentos ondulatórios e tremidos das danças do ventre em suas vísceras, aprende a pensar e a viver desde dentro das relações, mirando os aspectos comunitários, descolonizantes e artísticos junto com comunidades diferentes entre si, compostas, inspiradas e lideradas majoritariamente por mulheres. Assim, aprendendo a escutar e a “sentipensar” as diferenças e afirmações de mundos comuns e distintos entre nós, aproprio-me dos conhecimentos que produzimos enquanto articulamos modos de sustentar, manter e reparar a vida na ação de fazer com que a morte possa ser morrida e não apenas matada.¹ “Sentipensar”, eis aqui um verbo que faz passar o mundo de quem o vive com o corpo todo. Sinto, logo penso. Penso, logo danço.

¹ referência ao livro *Morte e vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

Danço, logo escrevo. Escrevo, logo crio mundos. Crio mundos, logo desmorono outros. Verbo que vem sendo colocado no mundo por quem “cria caso, causos, faz histórias que juntam cabeça e coração”. Verbo que aporta em meus ouvidos primeiro nas andanças por movimentos sociais ligados à terra, pelas histórias interdisciplinadas e descolonizadoras contadas por minha mãe acerca de suas vivências de lutas junto aos movimentos do campo, indígenas e quilombolas, mas também enquanto mulher, branca e pobre que entrou na universidade pública como professora aos 55 anos de idade. Desde que ouvi a palavra “sentipensar” aprendi a nomear um movimento, um modo de experimentar a vida e conceber o conhecimento. Verbo que me chega através das histórias ouvidas e experimentadas, só depois é que vou encontrar escritos sobre ele em artigos, dissertações e teses porque é importante dizer aqui que há muitas pessoas em relação de “sentipensamento” (Escobar, 2014) com o conhecimento, com a vida.

Inventariando marcas e tecendo comunidades no cotidiano

No caminho da *mestiza*, lançando o ventre no mundo, seria dizer, mergulhando nas relações, reencontro meu maracá, chocalho feito com uma pequena cabaça, ente que participa da vida de diferentes povos indígenas de *Abya Yala*,² Com ele danço em Londrina, durante o encontro do Grupo de Estudos Políticos da América Latina, em 2010. Danço na Venezuela, em uma ação cultural do Ministério Popular para Mulheres e Igualdade de Gênero, no ano de 2011, em frente a ocupação de refugiados das enchentes das chuvas em Caracas. De mãos dadas a minha “ancestral” viva nos percursos da psicologia comunitária e dançante do cotidiano, Alejandra Astrid León Cedeño, de quem sou aprendiz, danço com jarros, convocando as águas buscadas por mulheres do deserto quando tudo ao redor está seco, convidando quem nos assiste, a partir de nossos gestos e falas, a sentipensar questões sobre mulheres, cuidado e resistência pela vida. Com um maracá de salsa venezuelano e uma roupa de cabaré³ da dança do ventre, híbrida, danço a mulher indígena que cada vez mais se demarcava em mim, em espírito e fenótipo. Retomando um território existencial, histórico e político, intensificado durante os percursos do doutorado, sou marcada pelo encontro com Áurea Cardoso,⁴ mulher ribeirinha de Palestina/PA, psicóloga e pesquisadora, com quem me aliei no caminho da autodemarcação de minhas marcas indígenas. Encontro que se deu junto à “fogueira” que se acendeu no PPG/PSI durante a implementação das cotas no contexto das ocupações estudantis em 2016,⁵ transmutando o acesso à pós-graduação em ações afirmativas de

² *Abya Yala* na língua do povo Kuna significa “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento” e é sinônimo de América. (Fonte: Enciclopédia Latinoamericana)

³ Saia e sutiã bordados com lantejoulas e vidrilhos.

⁴ Psicóloga Ribeirinha, Mestre e Doutora em Estudos da Subjetividade pelo PPG-PSI/UFF.

⁵ As ocupações estudantis de 2016 (secundaristas primeiro e depois universitárias) foram uma reação aos desmontes das políticas públicas durante o governo de Michel Temer. As reivindicações levantadas refletiam os planos de precarização, privatização e sucateamento da educação pública, além da corrupção dos governos. Essa

reparação ao histórico e contemporâneo processo colonial e corpo-normativo, que afeta, exclui e extermina pessoas indígenas, negras, trans, travestis e com deficiência. Com Áurea fiz comunidade afetiva e política, lançando meu corpo e minha ação junto das diferentes iniciativas dela, entre as quais a articulação da presença das temáticas e povos indígenas no Seminário “Ocupar-se de Ocupar”, organizado por nós, estudantes do PPG/PSI em 2017 e a formação do grupo “Arandu - conhecimentos originários” em 2019. Com ela e demais estudantes, organizamos a primeira edição do curso preparatório para a seleção de mestrado do PPG/PSI em 2018, focado em quem pleiteava a entrada por cotas. Juntas orientamos candidatas na elaboração de seus projetos de pesquisa, aprofundando uma amizade formativa racialmente e em outras dimensões de nossas práticas *psis*. Em 2020, no início da pandemia, mas já com as tragédias em saúde mental anunciadas, me junto a Áurea novamente, em sua iniciativa de colocar seu trabalho/escuta/corpo disponível para acolher pessoas nesse momento complexo de pandemia. Dessa forma, abrimos horários para atendimento clínico gratuito e/ou com valor social para acolhermos pessoas indígenas, negras, afroindígenas/afroameríndias, travestis, transexuais, intersexo, técnicas/os de enfermagem em atuações em linhas de frente do SUS, nortistas e nordestinas/os da classe trabalhadora que não puderam parar ou estão desempregadas, assim como moradoras/es de favelas nessas condições. Estamos há pouco mais de 1 ano neste trabalho, afirmando em nós, cada vez mais, o laço afetivo-político-profissional de duas “amigas-parentes⁶” que se uniram pelo reconhecimento de suas marcas e pelo movimento estudantil da pós-graduação nos últimos quatro anos.

Seguindo o inventário das marcas-mulheres neste percurso formativo, é no grupo de pesquisa PesquisadorCOM, coordenado por Marcia Moraes, minha orientadora, o lugar onde tecer, enquanto verbo feminino de pesquisa, fez corpo junto de outras pesquisadoras. Foram sete anos, entre mestrado e doutorado, cirandando junto das pesquisas das companheiras e sendo coletivamente orientada. “Orientação coletiva”, nome dado por Marcia aos encontros semanais deste grupo no instituto de psicologia. Nele fui marcada pelos estudos e discussões “com” e “sobre” deficiências e corpo-normatividades, feminismos e o feminino na ciência, as escritas que derivam dessas experiências-pesquisas e mais recentemente pela ação descolonial na produção de conhecimento, afetando e sendo afetada por narrativas, hesitações, reposicionamentos, espantos e afirmações próprias da ação de pesquisar com corpo, marcas e histórias. O pesquisadorCOM é um chão desta pesquisa, junto do qual fizemos histórias, criamos casos, e aqui faço uma evidente referência ao trabalho de Vinciane Despret e Isabelle Stengers (2013) em “As fazedoras de histórias”, com as quais passamos muitas tardes na ação de nos

mobilização se configurou como o maior movimento de ocupação da história do país. Fonte: Esquerda Diário. Disponível em: <https://bit.ly/3YPwwK8>. Acesso em: 26 mai. 2021.

⁶ Parente é o nome que usualmente pessoas indígenas usam para nomear outros povos igualmente indígenas.

localizarmos enquanto mulheres e pesquisadoras dentro da universidade. Neste grupo, aprendi a tecer narrativas corporificadas ao ler e escutar as pesquisas das companheiras, mas também tecemos cuidado - relação de interdependência - umas com as outras em diferentes situações de nossas vidas. Exercício concreto do que escrevemos, pensamos, lemos. Afirmando, por assim dizer, o que mulheres sabem fazer, articular o cuidado desde o cotidiano, oferecendo colchas umas às outras quando o frio de uma situação vivida pode ser forte demais. O grupo de pesquisa PesquisarCOM não é uma comunidade menor nesta tese, não poderia ser apenas mencionado em forma de agradecimento. É um chão no qual aprendi a errar e a me comunicar, olhando para meus percursos de pesquisa como quem se apropria de sua história, de sua pele, de seu lugar de enunciação e problematização da vida.

Foi também com e a partir dele que conheci Maíra França,⁷ dançarina, psicóloga, terapeuta corporal e pesquisadora, de quem me aproximei pela dimensão política do ventre e juntas criamos o ViVentre, dispositivo no qual aprendemos a “dissentir-por-dentro” dançando no “ventre” das relações movidas com as oficinas de dança-massagens, sendo igualmente movidas por elas e nos mantendo de mãos dadas aos efeitos disso. Encontros que nos levaram a “pensar-com” nossas marcas e as marcas das pessoas com quem dançávamos, construindo relacionamentos cuidadosos enquanto nos colocamos à disposição de não apagar os desconfortos e divergências acionados nos entre nós e nossas “espécies companheiras” (Haraway, 1995). Dissentir-por-dentro, conforme apontou Maria Puig de la Bellacasa (2012), é uma dimensão do cuidado. Este, compreendido enquanto uma relação de interdependência, estado afetivo-vital. Portanto, cuidar, não é liso, harmonioso e confortável o tempo todo, é por vezes rugoso, divergente e desconfortável. “Dissentir-por-dentro” é reconhecer nossas implicações junto do pensamento de alguém, vivendo com eles e reconhecendo posicionamentos divergentes. Não apagar o dissenso e seguir com ele na aposta de que assim tecemos outros mundos.

Mergulhando ainda mais no mundo de dentro das relações de cuidado, faço comunidade com o grupo de maracatu feminista - Baque Mulher (BM). Dessa vez, com a cabaça nas mãos, na forma do Agbê, instrumento tradicional do maracatu, sou apresentada a um mundo de mulheres sob liderança de uma Mestra, a Joana D’Arc. Mulher, negra e periférica, conforme ela mesma se anuncia, Mestra Joana colocou em movimento uma rede de cuidado e empoderamento feminino a partir do maracatu, fazendo do Baque Mulher um espaço de formação e educação racial, feminista, comunitário e resistente. “No Baque Mulher, me tornei aprendiz, hoje eu sou batuqueira, encontrei minha raiz”, é o que cantamos em uma das loas (música) do nosso movimento. Com o BM,⁸ vou a Pernambuco pela primeira vez, estado de

⁷ Psicóloga e Mestra em Estudos da Subjetividade pelo PPG-PSI/UFF.

⁸ Abreviação de Baque Mulher

origem de meus avós paternos e onde começa a diáspora nordestina da minha família. No avião, sentou ao meu lado um casal de velhos, quase idênticos à minha avó Zulmira e ao meu avô Sebastião. Encontro que faz meu imaginário dançar materializando em sensação a presença de meus avós comigo, retornando, de avião (não mais de pau-de-arara) à sua terra. Voo, assim, em sentipensamentos com as marcas “retirantes” na história da minha família e que é herdada em mim pelas minuciosas memórias de meu pai. A marca mulher, feminista e comunitária me devolve a consciência da marca diaspórica nordestina, me inscrevendo coletivamente a uma realidade experimentada por muita gente no Sudeste, a dos desterrados pela exigência de sobreviver na desigualdade social e econômica.

Portanto, aqui está presente a linhagem das que se tornam pesquisadoras de suas andanças pessoais-políticas e com elas textualizam mundos menos organizados em eixos de poder e dominação – “fazendo histórias” (Despret; Stengers, 2013) Nesta linhagem, as mais velhas são inspiração protagonista. A primeira delas é minha mãe, que me botou no colo para andar com ela por suas lutas. Não posso apagar a existência de minha mãe de quem herdei a inquietação feminista vendo-a se mover pela vida muito mais do que a escutando. Escrevo no feminino, plural e singular, sob o risco de, ao falar em “nós”, equivocar-me. Embora seja um risco, não é uma ameaça. Diante de minhas “comunidades”, com as quais estou em relação nesta tese, abro-me à possibilidade de hesitar, parar, repensar, pois com elas teço esse corpo: nós-eu-nós. Mas, há algo que posso afirmar em termos de nós: Somos muitas manuseando linhas de diferentes formas e texturas em tecidos reais e metafóricos que nos ajudam a tocar o que sentimos, pensamos e fazemos quando a ação do cuidado é solicitada em nós. Costurando para articular, juntar, criar conexões entre experiências, zonas de aproximação entre comunidades diferentes em níveis de poder, sensações e modos de vida que sustentam e reparam a vida, ou seja, cuidam do viver e morrer bem neste mundo, neste planeta. Trago aqui, portanto, retalhos de tecidos que se juntam à colcha das ideias que decidem adiar o fim do mundo (Krenak, 2019) acelerado pelo capitalismo e suas engrenagens invasoras, nocivas e anti-vida. Lanço mão agora da imagem de uma colcha de retalhos como recurso narrativo de armação deste texto já que cada colcha tem sua história localizada, corporificada por seus diferentes pedacinhos de tecidos e parcialmente conectada a outras por suas semelhanças e singularidades. Cada uma contém em si a sua própria biografia, a história de sua feitura, ainda que todas sejam generalizadas sob o nome “colcha de retalhos”. Assim também acontece com as comunidades dessa pesquisa. São encontros que variam em termos de espacialidade e duração, mas que se unem na perspectiva de uma aposta comum, ainda que tenham suas finitudes. Comunidades temporárias, do ponto de vista de minha passagem por elas, comunidades duradouras do ponto de vista do que se materializa em escrita neste texto e do

modo como algumas delas fazem permanecer certos modos de vida. Nesta colcha, costuro minhas saias e lenços de quadril da dança do ventre - testemunhos de percursos formativos dançantes com a “psicologia comunitária do cotidiano” (León Cedeño, 2012), essa ciranda de metodologias artísticas que se constrói na ação em rede em contextos adversos e diversos, onde aprendemos a fazer um corpo disponível ao encontro de outros pela dinâmica primeira de sermos seres que encontram outros seres. Sou uma dançarina e ela quem me lembra a todo tempo de que tenho um corpo, de que sentir importa (Silva, 2015), o que me levou a costurar aqui as experimentações clínico-artísticas com danças do ventre-massagens no coletivo ViVentre, tocando marcas e memórias inscritas e performadas em nossos corpos e gestos. Costuro também as saias do “Baque Mulher”, movimento de empoderamento feminino, liderado pela Mestra Joana Cavalcante, no qual aprendo a recuperar minha voz tocando e cantando maracatu, ao mesmo tempo em que tecemos rede de cuidado e transformação social e cultural no cotidiano. Nas bordas dessa colcha, costuram-se duas cabaças, uma é o agbê, instrumento que toco no maracatu e a outra é um maracá, instrumento indígena. São dois seres, entes que fazem a colcha pesar em direção à terra, dando consistência ao percurso de racializar me sob a encruzilhada (Rufino, 2019).

Para Monica Cejas,

Nos representamos como metáfora de luta, mas também de tecido. Silvia Rivera Cusicanqui afirma que “a noção de identidade das mulheres de assemelha ao tecido” (2010:72) já que, no lugar de fixar jurisdições de autoridade, nós tecemos tramas através das práticas que nos constituem como produtoras e “criadoras de linguagens e de símbolos capazes de seduzir o outro e estabelecer pactos de reciprocidade e convivência entre diferentes” (2010: 72), abrindo assim a possibilidade de incluir o mesclado, o fronteiro. A sedução, junto da ideia de envolvente, como atributos femininos resignificados, conformam-se em ferramentas fundamentais para uma política não isenta de tensões, mas incluyente, e suas possibilidades de projeção em uma “cultura, teoria, epistemologia, política de Estado e também como definição nova de bem estar e “desenvolvimento” (2010, p.72) (CEJAS, 2019, s.p.)

Dessa forma, o tecido “colcha de retalhos”, enquanto metáfora oriunda das práticas de mulheres com seus fios, tecidos e costuras, me ajuda na ação de pensar as fronteiras dessa pesquisa ao mesmo tempo que expressa a forma com a qual pude dançá-la, andando por entre acontecimentos que borram as fronteiras arbitrárias e políticas entre vida e pesquisa; ciência dominante e ciências contra-hegemônicas; investindo na tarefa de descolonizar as produções de conhecimento da “obsessão” brancolonial, patriarcal, racista, sexista e capacitista de dizer sobre tudo desde um lugar apenas ou de dizer sobre tudo desde lugar nenhum, conforme disse Donna Haraway (1995). Por outro lado, enquanto pesquisadora tecida também pelas tramas dessa obsessão, não estou imune a ela. Encontro-me desafiada nesta ação de seguir colada ao caminho por onde pisam meus pés, ou seja, o chão desta pesquisa, no qual incluí meu corpo, minhas marcas, minhas histórias. Não me distancio do meu corpo, este território híbrido de encontros e

comunidades de seres humanos e não humanos. É uma escrita contaminada pela minha presença, afirmando assim a minha existência nessas comunidades-retalhos dessa colcha.

Parte da escrita da minha tese de doutorado foi feita no primeiro ano da pandemia, momento em que sinto a obrigatoriedade ética de viver alçando-me em meu próprio corpo, enraizando-me na cotidianidade das práticas de cuidado - manutenção, reparação e sustentação da vida, tirando a “prova real” dos saberes e práticas que culminaram em minha tese - lançando à minha mão o que propus pensar e apostar, o corpo-chão das experiências feministas e comunitárias do cuidado no cotidiano, constituindo uma aposta ética acerca do viver e morrer bem neste mundo. Foi nesse momento, desde dentro de minha casa, em isolamento social, que as lives de “contação de histórias” feitas pela dançarina, artesã, contadora de histórias e escritora⁹ Daniela Bastos¹⁰ (2020), cuja aproximação e amizade se deu nas ruas e esquinas por onde o Maracatu Baque Mulher se faz, começaram a acontecer. Daniela Bastos teve essa iniciativa durante a pandemia em 2020, abrindo uma roda virtual na qual sentamos desde nossas telas e casas para ouvi-la. A contação de histórias foi um espaço de afirmação da potência da oralidade em afetar nossos sentipensamentos no cotidiano hostil, violento e sufocante da pandemia. As histórias de Dani, entremeadas de vivências com a cultura popular, candomblé e outras sensibilidades próprias de suas experiências, atravessavam o cotidiano reorganizando um corpo para estar ali – preparando um café, um bolo, cozinhando – e trazendo vitalidade aquele isolamento. Era o “quilombo do vento” atuando, o aquilombamento proposto por Dani de Oyá. Emprestando as palavras de Grada Kilomba (2016):

Quando eles falam, é científico; quando falamos, não é científico. Quando eles falam, é universal; quando falamos, é específico. Quando eles falam, é objetivo; quando falamos, é subjetivo. Quando eles falam, é neutro; quando falamos, é pessoal. Quando eles falam, é racional; quando falamos, é emocional. Quando eles falam, é imparcial; quando falamos, é parcial. Eles têm fatos, nós temos opiniões. Eles têm conhecimentos, nós temos experiências. Não estamos lidando com uma ‘coexistência pacífica de palavras’ mas com uma hierarquia violenta, que define quem pode falar e quem pode produzir conhecimentos

“Enquanto os homens (brancos) exercem seus podres poderes”, como desabafou em canto Caetano Veloso, nós, as mulheres que assumem suas tarefas nas práticas antipatriarcais, antirracistas, antissexistas, anticapacitistas e anticoloniais, seguimos com nossas linhas e agulhas costurando os medos e as dores em redes cotidianas de solidariedade, afeto e sustentação da vida, tecendo as colchas de retalhos da saúde mental e coletiva.

⁹ É autora dos livros *Coco de Umbigada: cultura popular como ferramenta de transformação social* (2011) *Matriarcado e Fé: a história de Mãe Fátima de Oxum* (2014) e *Onde está o Axé?* (2020).

¹⁰ Dani Bastos, de nome artístico Dani de Oyá é natural de Recife PE. É mulher preta e yaô do Candomblé Nagô pernambucano. Brincante de diversas manifestações da cultura popular, integrou alguns dos maiores grupos de cultura popular e tradicional do Estado de Pernambuco, a exemplo do Maracatu Leão Coroado, Tribo Canindé do Recife, Afoxé Alafin Oyó e Coco de Umbigada. Contato: <https://www.facebook.com/danideoya>

Nas linhas dessa escrita, costura-se também os tempos de minha graduação em psicologia na Universidade Estadual de Londrina (2008), marcada pelo encontro com a psicologia comunitária e artística do cotidiano, fortemente articulada, reunida, incentivada e textualizada por Alejandra Astrid León Cedeño, psicóloga social dançante, a quem escolhi nomear como minha “mais velha” nas andanças por psicologias rebeldes que se ocupam de entrar em relação com os diferentes lugares de atuação a partir da ideia de sermos gentes que encontram outras gentes, podendo assim, enquanto gentes, cirandar transformações de realidades de opressão e desigualdade social, reconhecendo percursos formativos e ferramentas que se fazem em tantos lugares, sendo a Universidade mais um entre eles. Cirandar, verbo da cultura popular, imagem primeira de roda com mãos dadas que se embalam por vozes que cantam coletivamente. Como não lembrar de Lia de Itamaracá, a mulher negra e pernambucana, que ciranda o mundo com sua voz a partir de seu território, sua cultura localizada.

E como contar essas histórias de corpo-chão na escrita acadêmica? “É preciso não ter medo, é preciso ter a coragem de dizer”, disse Carlos Marighella (1994), no poema rondó da liberdade. Mas, dizer não é igual para todo mundo, e para quem a palavra dita teve e tem que ser arrancada, conquistada, é um ponto de partida mais distante do que para outres. E eu não posso falar de todo mundo, não devo e não quero. Corporificar minhas palavras é falar de um chão onde elas nascem. Nesse sentido, proponho deslocar a questão “o que pode um corpo” para “o que pode um corpo quando impedido de poder? O que impede um corpo de poder? E a estas questões, feministas negras e brancas, pessoas LGBTQIAPN+, deficientes, negras, indígenas, pessoas que ocupam as fronteiras e as margens da vida e do pensamento, vem me dizendo que só poderão ser respondidas de modo local, situado, marcado e político. Se há um corpo, qual corpo? O que este corpo informa em termos de raça, classe, gênero, sexualidade e deficiência?

Faço parte do grupo de fazedoras de ciência que dizem quem são, de onde vieram, que explicitam nos textos acadêmicos que não produzem conhecimentos que não são marcados pelas próprias experiências, hesitações, conflitos e respostas situadas aos problemas, buscando falar menos “Sobre” e mais “Com”, e falar “Com” é estar pousada em um chão movente, interdependente, encruzilhado e interseccionalizado. É caminhar pelas vísceras, por dentro das relações.

A escrita visceral, portanto, vem de dentro das encruzadas comunitárias e epistêmicas, das relações que se passam aí. Mas, como certa vez questionou minha orientadora, o que são as vísceras? Para mim também não era suficiente dizer apenas “vísceras”, embora a provocação da palavra produzisse uma pista de que ela guardava e provocava histórias. Nos colocamos a pensar, em grupo, em nossos encontros de orientação coletiva e cada uma foi fazendo brotar versões sobre, mas encarnadas em suas próprias dinâmicas de pesquisa. São muitos os percursos que me fazem pesquisadora, mas os da psicóloga-dançarina, sobre o qual escrevi em

minha dissertação de mestrado (Silva, 2015), aprofundaram a compreensão de que a cisão entre vida, pesquisa e narrativa diz respeito a um certo modo de produzir pesquisa e atende a certas produções de mundo científico-políticas. Nesse sentido, conforme escreveu Donna Haraway (1995), nós feministas preferimos nossas próprias ciências-ficções. Aprender a escutar as vísceras e seus emaranhados profundamente conectados me levou a dançar a coreografia da cientista que descobre algo importante em sua pesquisa. Dançar e dissentir o cuidado desde dentro foi criar um estado de atenção ao que se passa “dentro das relações”, nas vísceras delas, atentando-se aos mundos produzidos nestes encontros. “Nada vem sem o seu mundo” (Puig de la Bellacasa, 2012). Por que é importante afirmar isso? Porque devolve a cada uma de nós a sua história, porque nos insere a um fio de pertencimento, ou seja, refaz a agência, o território, o lugar e a terra com experiências e memórias das quais herdamos modos de agir, sentir e pensar o (no) mundo. Isso compõe a metodologia do dançar - mover-se com e por dentro das relações. Com ela cheguei até o Ciranda da Cultura, associação comunitária auto-organizada da periferia de Londrina-PR. Fui estagiária de Alejandra Astrid León Cedeño em suas aulas de dança do ventre para mulheres da associação, aprendendo a arte de mover o quadril ao mesmo tempo em que aprendia (fazendo) sobre articulações comunitárias, resolvendo os problemas e demandas de forma participativa, artística e poética. Mutirão de saberes reunidos em que cada pessoa doa um pouco do que sabe, do que pode. Processos participativos de uma psicologia comunitária do cotidiano (León Cedeño, 2010) em que sermos artísticas importa. Aprendo com essa experiência dançante-comunitária-do-cotidiano a reconhecer a liderança de mulheres quando se trata de manter, reparar e sustentar a vida. Alejandra Astrid e Liduína Amaro Brasil, moradora do bairro, coordenadora do Ciranda, fortaleceram em mim conhecer a potência de quem lidera sem subjugar, humilhar e silenciar. Com esse corpo dançante comunitário do cotidiano sendo feito por essas experiências adentro o mundo duro e hierarquizado da política de assistência social. Contraste que solicitou de mim a feitura do que nomeei como Corpo-Astárgati (Silva, 2015), metáfora que articula diferentes saberes na ação de conhecer o mundo, inspirada pela carta de tarot de Barbara Walker¹¹ e também pelo espetáculo “Astargat” dançado pela companhia de dança do ventre da qual participei durante 7 anos. Corpo-Astárgati, que nadava por entre perspectivas transdisciplinares (aqui me refiro às interferências entre dança do ventre, psicologia comunitária do cotidiano no contexto da assistência social e arte) e mais horizontalizadas sobre intervenção, cuidado e psicologia. Esse corpo me fazia estranhar a

¹¹ Barbara Walker reflete uma perspectiva feminista única do tarô com símbolos religiosos e pagãos de todo o mundo. As cartas da corte retratam deuses mitológicos e deusas. As cores dominantes do baralho e o design do verso das cartas são vermelho, preto e branco porque são “reconhecidos em toda parte como as cores da trindade feminina original (triângulo) que representa suas três fases, da Virgem, da Mãe e da Anciã.” Fonte: <https://magorium.com.br/tarots-em-latinha/177-barbara-walker-tarot-em-lata.html>

hierarquização de saberes na construção de estratégias de intervenção psicossocial. Corpo que trazia uma radicalidade ética no que dizia respeito aos processos participativos das pessoas usuárias dos serviços socioassistenciais. Se o nado desse corpo se dava por águas transdisciplinares, como construir trocas de saberes e não imposição de saberes?

É justamente isso que solicita em nós a produção, reconhecimento e validação de outras culturas científicas. Como é conhecer a partir dessa enorme área sensorial a qual comumente nomeamos de corpo - esse território poroso que se movimenta em dinâmicas de aproximação e distanciamento a todo tempo? Em meus percursos no mestrado e doutorado, questões sobre como conhecer e escrever com o corpo todo sempre me seguiram. Ora como assombrações que sopram em meus ouvidos que vida e pesquisa não se misturam e ora como convocação a respondê-las sentindo (com uma enorme área sensorial) os efeitos das andanças coletivas feitas majoritariamente por passos que caminham nas estradas “encruzilhadas” do feminino do mundo e das relações comunitárias e cotidianas. Luiz Rufino (2019), orientando-se pelos conhecimentos produzidos nas encruzilhadas do orixá Exú, propõe que a pensemos a partir de sua pedagogia. Para os Iorubás, diz ele, Exú é também princípio espiralado do tempo e das existências, é princípio do movimento como um todo.

A encruzilhada não é mera metáfora ou alegoria, nem tão quanto pode ser reduzida a uma espécie de fetichismo próprio do racismo e de mentalidades assombradas por um fantasma cartesiano (Rufino, 2019, n.p) A encruzilhada é a boca do mundo, é saber praticado nas margens por inúmeros seres que fazem tecnologias e poéticas de espantar a escassez abrindo caminhos [...] A encruzilhada nos possibilita uma crítica à linearidade histórica e às obsessões positivistas do modelo de racionalidade ocidental, atravessá-la é considerar os caminhos enquanto possibilidades (Rufino, 2019, p. 31).

No corpo-chão desta escrita, as encruzas são experimentadas, abertas e vividas por pés que sustentam “quadris que usam saias”. Por isso é um percurso “feminino encruzilhado”, no qual se cruzam experiências de mulheres diversas na ação de abrir caminhos na escassez para reparar, manter, sustentar certos mundos e desmoronar os que são dignos de serem transformados. Esses quadris sustentam saias das danças do ventre, saias do Maracatu Baque Mulher e também as saias metafóricas costuradas no giro inventivo que o cotidiano convoca em nós. Giro das saias das pombogiras (Salve elas!) divindades sagradas em religiões de matriz africana. Estradas abertas por pés que assentam seu pertencimento à vida na medida em que andam, se movimentam. Meus pés estão nesses coletivos e transitam entre um e outro pela dinâmica de encontros que se dão pelas danças que se dançam juntas. Pela dinâmica de gente que encontra outras gentes. Chegar como gente, expressão que ouvi primeiro de Alejandra Astrid quando nos ensinava a psicologia comunitária através de suas falas, práticas e textos durante minha graduação em Londrina. “Chegar como gente”, tem relação com a posição que ocupamos em comunidades que pensam em agem para produzir transformação social. Dessa

forma, seja como psicóloga, pesquisadora, dançarina, professora, batuqueira, serei mais uma em comunidade sentipensante e atuadora. Essa perspectiva é também trabalhada por Peter Spink (2008), em “O pesquisador conversador no cotidiano”. Ailton Krenak (NordestHi [...], 2019), no documentário *Guerras do Brasil*, diz que,

Quando os brancos chegaram, eles foram admitidos como mais um na diferença. E se os brancos tivessem educação, então eles podiam ter continuado vivendo aqui no meio daqueles - mais de mil - povos e produzido outro tipo de experiência. Mas eles chegaram aqui com a má intenção de assaltar essa terra e escravizar o povo que vivia aqui.

Esse é o desencanto colonial. Mas, andar pelas estradas dos feminismos encruzilhados, interdependentes e marcados é também trabalhar reencantando a vida em rituais de inventividade. Aprender a nomear o que fazemos e sentimos é um processo necessário e muitas vezes desencantador.

Maracatu Baque Mulher e as redes feministas do cotidiano:

“Quebra a cabaça, espalha a semente, planta do lado que o sol nascer”¹²

Em setembro de 2018, o maracatu Baque Mulher chegou à Niterói através de uma oficina proposta por Tenily Guian, atual regente e coordenadora do Baque Mulher do Rio de Janeiro e de Niterói. Tenily Guian é educadora, capoeirista, multi-instrumentista, “cria” do bairro do Pina na periferia do Recife, local onde nasceu a Nação de Maracatu de Baque Virado “Encanto do Pina”, da qual o Baque Mulher é filha. A primeira oficina aconteceu na praça da Cantareira (centro da cidade) e assim seguiu desde a fundação até o início da pandemia, todas as segundas-feiras às 19h. A praça da Cantareira, lugar de boemia e diferentes manifestações culturais e políticas, foi também ocupada pelos tambores feministas de nosso movimento. Da voz e do corpo de Tenily Guian nos chegam os princípios, fundamentos e orientações que sustentam nosso movimento. Mas, como costumamos dizer entre nós - salve a força que vem de longe - é da coragem, ousadia e criação da Mestra Joana Cavalcante que ascendemos. Mestra Joana é a primeira mulher a tornar-se Mestra de uma Nação de Maracatu de Baque Virado, o Encanto do Pina. É a idealizadora, fundadora e articuladora de todo esse movimento, além de ter criado uma linguagem específica para o toque dos agbês, incorporando movimentos das danças dos orixás aos passos e sonoridades. O Baque Mulher começa em 2008 como uma ação local “puxada” por ela junto das mulheres do bairro do Pina que participavam das duas Nações de Maracatu ali existentes. Como conta a Mestra Joana, nas oportunidades em que tive de ouvi-la e também de lê-la em suas escritas compartilhadas no Facebook em sua página profissional,¹³ nas oficinas em que participei com ela e também em outros espaços de convivência do Baque

¹² Essa frase está presente em cantigas populares de matriz africanas e indígenas.

¹³ Página no facebook: [Mestra Joana Cavalcanti](#)

Mulher, o maracatu é ainda um universo com muitas expressões machistas. Exemplo disso, quando ela assumiu a regência na nação enquanto Mestra, alguns homens batuqueiros “arriavam” as alfaias (tiravam elas dos ombros e paravam de tocar) e muitos chegaram até a deixar de tocar na nação.

O Baque Mulher tem como principais bandeiras a luta contra o machismo e violência contra a mulher, o racismo, a homofobia e toda forma de preconceito e opressão [...] Em primeiro lugar nos propomos a ser um espaço de acolhimento e prática da sororidade, criando juntas um lugar seguro de fala e escuta, exercendo a empatia e o respeito amoroso a todas as diferenças. (Postagem do perfil “Mestra Joana” no facebook, em 30 de setembro de 2020)

Sabemos que não é só no Maracatu que o machismo nos atravessa, nos desafia, nos interrompe e nos agride. Escrevo em terceira pessoa com a segurança de que se trata de uma questão de “nós mulheres” engajadas e não apagar de nossos feminismos as marcas de classe, raça, gênero, sexualidade e deficiência e o que isso opera em nossas relações cotidianas. Sabemos que os pactos patriarcais são enraizados de diferentes formas em nossas sociabilidades. Mestra nos conta a partir de suas vivências com o Maracatu em Recife, em Pernambuco, já que o maracatu é parte do que ela é, fundamento de sua existência e de sua comunidade. Esse machismo, durante bastante tempo, também não permitia às mulheres que tocassem os instrumentos do Maracatu. A elas somente era permitido dançar, mesmo atuando em todos os “bastidores” que constituem os fazeres que envolvem o maracatu de baque virado. Escrevo “bastidores” porque é neles onde se realizam os trabalhos que não são vistos de imediato, os trabalhos que levam o maracatu até a passarela do Carnaval por exemplo, mas que são bem mais do que isso, são o que mantém a cultura e as pessoas vivas também. Esse trabalho é feito o tempo todo durante o ano inteiro. Também inclui a mobilização para arrecadar contribuições financeiras para as atividades que o maracatu desenvolve não só em função do carnaval, mas também das pessoas da comunidade do Bode, como o projeto socioeducativo de maracatu para crianças, o “Encantinho”. Desse projeto saíram batuqueiras e batuqueiros que hoje além de tocarem na nação são também oficinairos que viajam para outros estados e cidades do país. “*Nós formamos educadores*”, é o que diz Mestra Joana. Portanto, são essas mulheres que acionam outras e formam redes de apoio para que a cultura continue, ou seja, para que a vida delas e dos seus também continuem, já que, como disse, o universo do maracatu é o que também fundamenta suas existências. São elas que trabalham essa rede para que ela não se arrebente e fazem isso ao mesmo tempo em que sustentam a si mesmas e a própria comunidade. Nesses bastidores estão todas ações espirituais e comunitárias de cuidado entre as pessoas que vivem a nação, o fazer das comidas, a costura dos figurinos, os “corres” cotidianos feitos por mãos, sentimentos e sensações de muitas mulheres envolvidas direta e indiretamente com a nação, como é o caso de algumas de nós batuqueiras do Baque Mulher que nos mobilizamos para ir até lá no período do carnaval e também em outras

ações de solidariedade que buscamos fazer ao longo do ano “*ajudando a manter vivo o que nos ajuda a nos mantermos vivas também*”. Não são apenas mulheres, homens também estão nesses bastidores, mas elas são sem dúvida a maioria.

Hoje a gente se fala, se questiona onde é o lugar da mulher dentro de uma nação de maracatu porque eu tô na frente de uma percussão. Mas na história, se você for pesquisar todas as nações de maracatu, vai ter sempre uma mulher como protagonista da história. As grandes rainhas que tá registrado na história do maracatu, tudo mulheres, Yalorixás, poderosíssimas à frente do maracatu, mas onde seu nome não era nem citado porque tinha um homem regendo o baque e que é o que vai pro mundo, vai pra mídia (Mestra Joana, em entrevista ao Coletivo Maruim, 2016).

É bem mais do que essas palavras aqui escritas podem contar. A oralidade, com sua complexidade de gestos, inscreve-se nos sentipensamentos de um modo diferente do da palavra escrita. Narro, como disse, a partir do que meu corpo testemunha, experimenta, passa, sente. A partir de como sou atravessada e modificada pelo encontro com Mestra Joana, com minha Regente Tenily Guian e as batuqueiras do Baque Mulher. É nesse território movente, nessas ruas por onde andamos juntas, que vou conhecendo as palavras que contam as histórias que estou contando aqui. Da mesma forma como sempre nos diz Tenily Guian, tem coisas que se aprende “só vivendo”, ou seja, as palavras, sabemos, não dão e nem deveriam dar conta de tudo porque elas são apenas um modo de produzir conhecimento dentre tantos outros que nos afetam e nos auxiliam no viver e morrer bem neste mundo. Muitos dos saberes e conhecimentos que usamos em nossas vidas não se reduzem à palavra falada e escrita. Nos afetam no corpo, pelas sensações e pelo que nos leva a agir em direção ao que faz com que a vida possa ser vivida. No maracatu não é diferente. Ciência, conforme aponto no início da escrita dessa tese, é para nos ajudarmos a vivermos e morreremos bem neste mundo, portanto, o *maracatu tem ciência* (é o que Mestra Joana sempre afirma em suas palavras), e se precisamos afirmar isso é porque existe um projeto *brancolonial* (branco e colonial) de conhecimento que insiste de modo racista, patriarcal e sexista que o que não é igual a *ele* não tem “lugar” para existir, ou seja, não é visto, ouvido, sentido, conhecido e contemplado. “Narciso acha feio o que não é espelho”, cantou Caetano Veloso (1978). Grada Kilomba (2018), na performance “Ilusões”, remonta o mito grego de Narciso como sendo o que fundamenta a sociedade branca-patriarcal na qual todas nós vivemos. Em suas palavras, essa sociedade

é fixada em sua própria imagem, tornando todos os outros invisíveis [...] Um profundo narcisismo que parece reduzir o mundo à imagem refletida da branquitude. Neste narcisismo, pessoas marginalizadas dificilmente encontram imagens, símbolos ou vocabulário para narrar a sua própria história ou para nomear o seu próprio trauma (Trecho de narração de Grada Kilomba durante a performance Ilusões – Kilomba, 2018).

No Baque Mulher, o que fazemos é também exercício de afastamento de *Narciso* aproximação amorosa de *Oxum*. Queremos aprender a nos ver e a nomearmos através do

espelho dessa *Orixá*, para quando nos vemos nos reconhecemos em nossas singularidades e potências. E nesse espelho de Oxum, quando me olho, a imagem me pergunta: Quem é você? O que fazes aqui? Conceição Evaristo (2017), em *Becos da memória*, escrevencia encontros de suas personagens com o espelho e o que esses encontros devolveia a elas.

Maria-Nova nunca entendeu por que Mãe Joana, tão linda, com aquele vestido, que ela ficava meses fazendo à mão, que ficava tão bonito e que todo mundo elogiava tanto, ao se olhar no espelho, ao ver a sua imagem refletida, não desse nem um sorriso para si própria (Evaristo, 2017, P.47). Maria-Nova olhou-se no pedaço de espelho. Sentiu-se bonita e triste como a mãe. Fez um carinho no próprio rosto. Não, ela jamais deixaria a vida passar daquela forma tão disforme. Era preciso crer (EVARISTO, 2017, p. 160).

A esse espelho de Oxum aprendo a responder vendo minhas ancestralidades negras, indígenas e brancas na forma como se encruzam em mim. É como me olhar no espelho e olhar meu nariz, meu seio, minha perna, minha barriga, meus cabelos, minha cor e se perguntar: Quem são vocês que existem e resistem neste corpo-chão? Ver em mim uma mulher indígena e abraçá-la. Ver nessa mulher indígena os traços negros. Procurar em mim as marcas brancas, estas, mais difíceis, já que, nomeada como parda, aprendi a me entender¹⁴ assim. Mas, feito uma aquarela, o branco se borra em mim, mostrando como isso me posiciona e reposiciona socialmente em relação a mobilidade e segurança social e acessos a direitos em detrimento, por exemplo, de mulheres indígenas aldeadas e negras pretas. Posso assim, finalmente, tirar o pregador do meu nariz¹⁵ e respirar. Fazê-las todas respirarem juntas. Remontar a imagem estilhaçada e passar a entender a história do meu país neste corpo mestiço, híbrido, encruzilhado. “Nossas psiques parecem-se com as cidades fronteiriças e são povoadas pelas mesmas pessoas” (Anzaldúa, 2005, p. 714).

Reconhecer os povos que pedem passagem em minha pele de fora e em minha pele de dentro. Escutar as urgências das e dos que insistiram em permanecer em nossas peles para não serem mais uma vez apagadas, silenciadas, tornadas inexistentes e fazer com que suas vozes encruzem com as vozes que lutam pelo direito de existir neste e em outros tempos.

Na nossa própria carne, a (r)evolução resolve o choque de culturas. Enlouquece-nos constantemente, mas, se o centro se mantém, teremos feito algum tipo de avanço evolutivo. Nuestra alma el trabajo, a obra, o grande trabalho alquímico; mestizaje espiritual, uma “morfogênese”, um desdobramento inevitável. Tornamo-nos o movimento acelerado da serpente (Anzaldúa, 2005, p. 708).

“Tudo junto e misturado”, mas não sem conflitos, divergências e fazendo aparecer nossos corpos marcados por gênero, raça, classe, idade, deficiência, etc., aprendendo a nomear

¹⁴ Também seria possível dizer “aprendi a me confundir assim”.

¹⁵ Quando mais nova, início da adolescência talvez, colocava pregador no nariz para tentar afiná-lo. Depois descubro que muitas irmãs racializadas também passaram por isso. Esse gesto pessoal é político. Encontro nas narrativas delas a minha própria história e aprendo então a dar o nome que as coisas tem.

onde estamos e onde não estamos, bem como os modos como isso nos posiciona comunitariamente em termos de poder e produção de subjetividade. Mutirão de perspectivas e necessidades que manejamos de modo artístico, criando formas de reparar a nós mesmas e nossos coletivos, grupos, comunidades. A falsa cordialidade e a diplomacia - aspectos relacionais que compõem a branconialidade - de um assunto que se fala por vez respeitando os pactos dos poderes patriarcais, racistas e coloniais, oprime a biodiversidade de nossas experiências e modos de ver, sentir e agir no mundo, na vida. Aliado a isso, há também a dimensão de que não escolhemos os temas aos quais tratar por vez porque estamos sempre lidando com urgências e incertezas. Ou seja, dando conta de reparar e sustentar a vida com as ferramentas que estão disponíveis em nossos cotidianos. Como disse Glória Anzaldúa (2005), são muitas as vozes que nos falam ao mesmo tempo.

Mulher, como você se chama? – Não sei.

Quando você nasceu, de onde você vem? – Não sei.

Para que cavou uma toca na terra? – Não sei.

Desde quanto está aqui escondida? – Não sei.

Por que mordeu o meu dedo anular? – Não sei.

Não sabe que não vamos te fazer nenhum mal? – Não sei.

De que lado você está? – Não sei.

É a guerra, você tem que escolher. – Não sei.

Esses são teus filhos? – São.

(Szyborska, 1962)

Esses são teus filhos? Isso é tudo o que você tem? Para muitas de nós, nossas escritas de pesquisas são nossas “subjetivas criações” (fazendo um trocadilho com a ideia de objetividade branco-patri-colonial). Nossas “redes”, nossas “comunidades” de sustentação, reparação, manutenção e criação do mundo são nossas crias desde o cotidiano. Puig de la Bellacasa (2012), ao pensar junto com Donna Haraway, nomeia isso de cuidado. Mestra Joana e Tenily Guian nomeiam isso de “Gera”. Do verbo gerar. Expressão recifense, pernambucana. Aprendi no Baque Mulher. Ouvindo e gerando. Agindo. Tem a ver com fazer, fazer o que é preciso ser feito, agir junto com o problema, criar soluções localizadas e cotidianas. Tudo o que temos é o cuidado, manutenção das relações de interdependência, já que sabemos e aprendemos com a biodiversidade das espécies companheiras que sustentar a vida é garantir a sua diversidade, garantir a mistura aparentemente desordenada, sustentar as conexões aparentemente desconexas e com elas tecer nossas colchas.

Sobre a autora

Elis Teles Caetano Silva

<http://lattes.cnpq.br/9129066095037663>

Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina (2008). Mestre (2015) e Doutora (2021) em Estudos da Subjetividade pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui Especialização em Comunicação Popular e Comunitária pela Universidade Estadual de Londrina (2012). Docente do curso de psicologia da Faculdades integradas Maria Thereza/FAMATH (2023). Atuou como professora temporária no curso de psicologia da Universidade Federal Fluminense/UFF (2021/2022), além de Psicóloga/Bolsista no Programa Universidade Sem Fronteiras da SETI/PR; como Psicóloga na Política Pública de Assistência Social no seguintes dispositivos: CREAS I (Centro de Referência Especializado em Assistência Social à População de Rua) e Acolhimento Institucional de Crianças e Adolescentes, e projetos de pesquisa e extensão no âmbito da psicologia social e comunitária, saúde do trabalhador e economia solidária. Trabalha como psicóloga clínica orientada epistemologicamente e eticamente por perspectivas clínico-políticas contemporâneas e transdisciplinares. Estudou danças do ventre e trabalha a dança como dispositivo de cuidado. Tem experiência na área de psicologia com ênfase em psicologia social e interesses e atuações nos seguintes temas: psicologia social e comunitária, mídias comunitárias e produção de subjetividade, políticas públicas, dispositivos de cuidado transdisciplinares, epistemologias descoloniais e feministas do cuidado, esquizoanálise e esquizodrama, corpo, dança, cultura, clínica, arte e política.

Como citar este artigo:

ABNT

SILVA, Elis Teles Caetano. Percursos do *corpo-chão*: práticas e teorizações feministas comunitárias no cotidiano. **Ensino, Saúde e Ambiente**, Niterói, v. 17, e58664, 2024. <https://doi.org/10.22409/resa2023.v17.a58664>

APA

Silva, E. T. C. (2024). Percursos do *corpo-chão*: práticas e teorizações feministas comunitárias no cotidiano. *Ensino, Saúde e Ambiente*, 17, e58664. <https://doi.org/10.22409/resa2023.v17.a58664>

Copyright:

Copyright © 2024 Silva, E. T. C. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2024 Silva, E. T. C. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Editora responsável pelo processo de avaliação:

Luiza Rodrigues de Oliveira

Referências

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 704-719, dez. 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300015>.

BASTOS, Dani. **Coco de Umbigada**: cultura popular como ferramenta de transformação social. [S.l.: s.n.], 2011.

BASTOS, Dani. **Matriarcado e Fé**: a história de Mãe Fátima de Oxum. [S.l.]: Bastos Santos, 2014.

BASTOS, Dani. **Onde está o Axé?** Salvador: Katuka, 2020.

BENITES, Sandra. **Viver na língua e cultura guarani nhandewa (mulher falando)**. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia)–Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Apogeo y decadencia de la teoría tradicional una visión desde los intersticios. **Revista Iberoamericana**, v. 69, n. 203, p. 343-353, abr.-jun. 2003. <https://doi.org/10.5195/reviberoamer.2003.5661>

CEJAS, Mónica Inés (Ed.). **Feminismo, cultura y política: prácticas irreverentes**. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2016.

COLETIVO MARUIM. | MARUIM | Primeira mulher a assumir a regência no maracatu nação, Joana conta sua história [Vídeo]. **YouTube**. 29 ago. 2016. 3:44 min. <https://www.youtube.com/watch?v=i2vd5TSzaJA>

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

DESPRET, Vinciane; STENGERS, Isabelle. **Les faiseuses d’histoires : que font les femmes à la pensée?** Paris: Les Empêcheurs de penser en rond/La Découverte, 2013. Tradução: Grupo de Pesquisa PesquisarCOM.

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar con la tierra: nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia**. Medellín: UNLAULA, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 8 ago. 2024.

KILOMBA, Grada. Decolonizing knowledge. Lecture Performance. 1 vídeo (73 min). **Akademie der Künste der Welt**, 24 mar. 2016. Disponível em: https://www.adkdw.org/en/article/937_decolonizing_knowledge. Acesso em: 24 ago. 2024.

KILOMBA, Grada. “ILLUSIONS”, Multimedia performance, 2016–17. **MaHKUscript. Journal of Fine Art Research**, v. 2, n. 1, p. 12, 2018. <https://doi.org/10.5334/mjfar.35>

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo (Nova edição)**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/4dHzllk>. Acesso em: 23 ago. 2024.

LEÓN CEDEÑO, Alejandra Astrid. Danzando la Psicología Social Comunitaria: revisitando la IAP a partir de un curso de danza en una asociación cultural de barrio. **Athenea Digital. Revista de pensamiento e investigación social**, n. 17, p. 255-270, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/537/53712938016.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2024.

LEÓN CEDEÑO, Alejandra Astrid. **Psicología comunitaria de lo cotidiano: arte y acción psicosocial en Londrina (Brasil)**. London: Editorial Académica Española, 2012.

MARIGHELLA, Carlos. **Rondó da liberdade: poemas**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MORAES, Marcia. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, Marcia; KASTRUP, Virginia. **Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro: Nau, 2010.

NORDESTHI CONCURSOS. **Guerras do Brasil** [Documentário]. Direção de Luiz Bolognesi. Com Ailton Krenak, Carlos Fausto, João Pacheco de Oliveira. YouTube. Documentário. 5 epsódios, 171 min. https://youtu.be/Y1rx3_PEDqU?si=Yqc4PbzbC2lTVlQ1

PUIG DE LA BELLACASA, Maria. ‘Nothing comes without its world’: thinking with care [“Nada vem sem o seu mundo”: pensando com cuidado]. **The Sociological Review**, v. 60, n. 2, p. 197-216, 2012. Tradução de Amanda Muniz. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/traducao-puig-nada-vem-sem-seu-mundo-pdf-free.html>. Acesso em: 24 ago. 2024.

QUADROS, Laura Cristina de Toledo; MORAES, Marcia. Parte 1 – Polifonia de uma experiência no ESOCITE. In: Editorial - O PesquisarCOM e o feminino na ciência. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 11, n. 1, p. 4-7, jun. 2016. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/1525/1115. Acesso em: 08 fev. 2024.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas: Exu como Educação. **Revista Exitus**, v. 9, n. 4, p. 262-289, 2019. <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2019v9n4id1012>

SILVA, Elis Teles Caetano. **A lógica do cuidado por um corpo articulado: interferências entre dança e intervenção na política de assistência social**. 2015. 90 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

SILVA, Elis Teles Caetano. **Por uma ética feminista comunitária do cuidado a partir de um corpo-chão**. 2021. 102 p. Tese (Doutorado em Psicologia)-Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021. Disponível em: http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2022/10/2021_t_Elis_Teles_Caetano_Silva.pdf. Acesso em: 29 ago. 2024.

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade**, v. 15, n. 2, p. 18-42, 2003. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822003000200003>

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. spe, p. 70-77, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000400010>

SZYMBORSKA, Wislawa; FENATI, Maria Carolina. Vietnã. **Cadernos de Leitura**, n. 89, 1962. Disponível em: <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2019/02/cad89-vietna-comunicado.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.

VELOSO, Caetano. Sampa. Intérprete: Caetano Veloso. In: VELOSO, Caetano. **Muito - Dentro da Estrela Azulada**. Rio de Janeiro: Polygram discos, 1978. 1 CD. Faixa 7.